

MULHERES DO CAMPO NO CAMPO DE LUTA

Fabiana Lisboa Ramos Menezes (Mestranda - UFS)

fabianalramos@hotmail.com

O trabalho do homem tem sido sempre um exercício de luta: com ele mesmo e com a natureza. Desde que descobriu que podia tirar da natureza mais do que ela lhe oferecia, espontaneamente, passou a desenvolver técnicas que permitiam construir, produzir e transformar.

Antes do conceito de propriedade privada, as pessoas tinham uma relação um tanto respeitosa entre si e com a terra. Todos produziam e dividiam os frutos igualmente. Ao demarcar a propriedade, a cerca tornou-se a garantia de viver do trabalho dos outros, apossando-se do "excesso" (o que sobrava depois da divisão). A posse de um pedaço de terra permitia, então, a origem da exploração do homem pelo homem. E de pedaço em pedaço, formavam-se latifúndios e excluídos.

De um lado a terra sem produção, do outro, o produtor sem terra. Essa situação vai gerar ricos e miseráveis, o controle da produção e um dos maiores problemas do século XXI: a crise de alimentos.

A exploração e concentração de terras geraram conflitos ao longo dos séculos em todo o planeta. Do mundo feudal à Revolução Russa vai quase um milênio em que a ganância domina e a busca por igualdade se expande em confrontos e guerras.

No Brasil, desde o século XVI que se luta pela divisão da terra para os trabalhadores produzirem seus sustentos e garantir o alimento de todos. A organização dos Trabalhadores rurais sem-terra é oficializada em 1984 como Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra - MST. A história do movimento é narrada na obra de Ademar Bogo (2003), militante e intelectual do movimento, em *Arquitetos de sonhos*, o romance da história do MST.

A partir de uma breve análise dessa obra, o trabalho será apresentado em dois momentos: primeiro, a construção do romance que narra a luta pela terra e as condições de produção ligadas ao surgimento do movimento; e, segundo, a identidade de duas personagens - Miriam e Joelma - como mulheres do campo e líderes de movimento social. Baseando-se nos estudos de Lukács, Cândido e Hutcheon, busca-se averiguar a construção de um romance que entrelaça história e literatura tecendo vidas com a esperança de um mundo novo.

A construção da obra *Arquitetos de sonhos* baseia-se nos encontros do movimento, nas muitas histórias dentro do romance que são narradas pelas personagens, nas quais se elucidam as experiências de ocupação e desocupação, de formação política, perda de companheiros, de familiares, os ataques, as amizades que são construídas, as conquistas e muita violência.

Se a luta é a marca do MST, a violência é a arma do latifundiário, através de capangas, jagunços, pistoleiros, seguranças, policiais, juízes, desembargadores e o governo; na forma da lei ou na força da lei o latifúndio persiste.

Ambientado no IV Congresso do Movimento, a história é apresentada em 3ª pessoa, porém, o narrador divide a narração com as personagens Miriam, Joelma, Celso e Raimunda. Ou seja, a narração parte da memória da coletividade. O desenvolvimento da história acontece com os diálogos entre as personagens que compartilham suas experiências no movimento, até então, e salientam a importância que o congresso, que ora acontece, representa para a militância.

Era para marcar o final do segundo milênio da Era Cristã: fazer um congresso abrigado sob lonas para envergonhar os ricos e também a muitas organizações sindicais, que sempre preferiram fazer seus encontros em hotéis, pagando altos preços pelas diárias. Ali, cada delegação organizava sua cozinha, trazendo da própria terra conquistada os frutos que se transformam em alimentos. (...) Aqui oscila a consciência descrita pelos velhos filósofos em seus cinco momentos: conhecimento, autoconsciência, emoção, imaginação e vontade. (BOGO, 2003, p. 18)

A estreita relação entre literatura e história sempre rende boas produções. Desde os romances de Walter Scott no século XVIII, que eram consideradas tramas fictícias com fundo histórico real, que o romance, o mais abrangente gênero literário, passou a ser trabalhado com essa perspectiva.

György Lukács (1936), em seu *Romance histórico*, compreende como uma figuração ficcional que retrata as experiências humanas na realidade histórica. Não é o uso da literatura para evidenciar fatos históricos, nem o uso da história para construir ficção; é uma interface em que os dois campos do conhecimento se entrelaçam em narrativas abrangentes que dão conta da arte e do real.

(...) a forma artística nunca é uma simples cópia mecânica da vida social. É certo que ela surge como espelhamento de suas tendências, porém possui, dentro desses limites, uma dinâmica própria, uma tendência própria à veracidade ou ao distanciamento da vida. (LUKÁCS, 2011, p. 135)

O IV Congresso dos Camponeses Sem Terra, que aconteceu em Brasília, em 2000, e contou com quase onze mil pessoas, certamente está marcado nas páginas na história brasileira; e é este o ponto de partida do romance, é o cenário onde começa a narração e o ponto de chegada, pois o registro é finalizado com o encerramento do Congresso e todos voltam aos seus assentamentos para continuar a luta.

Linda Hutcheon, autora pós-modernista, desenvolve o conceito de metaficção historiográfica. Ela aprimora a junção dos dois campos do conhecimento - história e literatura - numa perspectiva em que o sujeito, ou sujeitos, da história não são personagens centrais, que ocupam espaço privilegiado na sociedade. O sujeito é descentrado e está na periferia, à margem de toda a glória e privilégio sociais. Nada mais ideal às personagens de Bogo; os arquitetos de sonhos são marginalizados pela sociedade e pelo governo; são vistos como desordeiros, preguiçosos, aproveitadores. Pessoas que lutam pela terra para produzir alimentos não são vistas como agricultores; o próprio trabalhador não reconhece seus pares, ainda que não sejamos todos agricultores, mas, recuperando Marx, enquanto trabalhadores devemos nos unir.

Hutcheon (1991) atribui à história a missão de iluminar a ficção. A metaficção historiográfica deve propor a auto-reflexão, pois parte da ordem estabelecida para então questioná-la. O método interliga teoria, ficção e história em que a construção literária envolve escritor-texto-leitor. Assim sendo, não está comprometido com a "veracidade dos acontecimentos" visto que muitos outros olhares poderiam tratar da mesma situação. A função deste estilo é "desmarginalizar o literário por meio do confronto com o histórico, e o faz tanto em termos temáticos quanto formais" (1991, p.145). A ficção utiliza-se da história para revelar uma nova história, "a ficção pós-moderna sugere que reescrever ou rerepresentar o passado na ficção e na história é, em ambos os casos, revelá-lo ao presente, impedi-lo de ser conclusivo e teleológico" (1991, p. 147). Nessa interpenetração história não passa a ser arte nem arte passa a ser história, mas compõem uma interface.

A História constitui parte fundamental na obra de Bogo (2003), principalmente na contextualização da formação do Movimento Sem-terra, quando se resgatam as muitas lutas já ocorridas no Brasil pela divisão da terra. Ele dá autenticidade aos fatos, citando os historiadores de cada época, como Clóvis Lugon ao tratar da organização dos jesuítas com os índios guaranis, no sul do Brasil, como uma "República Comunista dos Guaranis" (1610). Fala da formação dos quilombos como tentativa de organização social igualitária; a Guerra de Canudos (1897) como brava resistência de camponeses

contra os quais o governo investiu num dos mais sangrentos genocídios do Brasil. Cita a Guerra do Contestado (1912), a Coluna Prestes (1924), o Cangaço (1938), as Ligas Camponesas (1954) até o surgimento do MST em janeiro de 1985. O relato histórico atualiza em quais condições o movimento surgiu e sob que responsabilidade deve se manter como resistência da sociedade frente à marginalização da classes trabalhadora.

Antonio Candido, em *Brigada ligeira* (2004), ao falar da importante contribuição da obra de Jorge Amado, percebe no autor baiano a sensibilidade de revelar a exploração do trabalhador quando se parte de um lugar histórico. Aqui, podemos nos servir da afirmação de Candido:

Através do documento, o autor percebera a espoliação de uma classe; através da poesia sentira seu valor e seu significado; através da história, que reúne espoliados e espoliadores numa relação de perspectiva, alargou a todos os homens a sua simpatia artística (CANDIDO, 2004, p. 51).

A análise encaixa na função documental que *Arquitetos de sonhos* pode cumprir e mostra como a opressão permanece latente no mundo. Valendo-se ainda dos estudos de Cândido, agora em relação ao romance popular, popularmente criticado como arte pobre, é sobre Érico Veríssimo seu comentário. Talvez por tratar de questões da classe oprimida não seja considerado um romance de alta qualidade. Cândido responde à exigente burguesia:

O escritor é um indivíduo que exprime sempre uma ordem da realidade segundo um dado critério de interpretação. A técnica empregada é um instrumento de trabalho; um instrumento de trabalho que, embora, visceralmente ligado ao conteúdo expressivo, pode ser usado para a expressão de mais de um conteúdo. (CÂNDIDO, 2004, p. 65)

A preocupação aqui não é se a narração reconstitui fielmente a história do MST. Mas um recorte histórico através do qual o artista cria e recria doando à posteridade uma obra de memória coletiva.

A estética do romance, a linguagem utilizada depende tanto da competência do escritor quanto a ostentação da burguesia depende do seu trabalho. O fazer artístico está ligado tanto à beleza estética quanto ao compromisso com o lado humano. O que dizer e como dizer depende do que se quer alcançar e de quem se deve atingir. Para tanto, *Arquitetos de sonhos* cumpre sua função de romance da história do maior movimento social da América Latina.

Em *Arquitetos de sonhos* pulsam vidas que insistem na luta pela vida e pela justiça social. Assim são as personagens Miriam e Joelma, que conciliam a lida do

campo com as batalhas para que possam trabalhar no campo. Além de conduzirem o leitor pela epopeia camponesa, elas demonstram a responsabilidade com a formação política e a organização do movimento.

Miriam é a primeira personagem a falar e inicia por mostrar as marcas de bala em seu corpo como outros militantes fazem. Ela tem 49 anos, dois filhos, é divorciada e ocupante da Fazenda Santa Rita. Na luta pela ocupação, foi fortalecer o movimento em outra localidade e saiu ferida pela reação do latifundiário operada pela polícia – aparelho do Estado e segurança da burguesia. O milho plantado pelos ocupados não poderia ser colhido após a ordem judicial de desocupação. Não aceitando a ofensiva, “começaram a marchar em direção à roça para colher o milho que balançava” (BOGO, 2003, p. 20) e foram recebidos à bala. Miriam foi atingida ficando gravemente ferida. Junto a muitos marcados pela violência, ela mostra as marcas que a concentração de terra deixara para sempre em seu corpo e em sua alma.

Joelma é professora. Perdeu os movimentos das pernas quando levava pra Recife crianças que participariam do Encontro dos Sem Terrinha. O ônibus foi atingido por tiros que quebraram o para-brisa, acertaram seu peito esquerdo e se alojou na coluna vertebral, atingindo a medula. Joelma ficou dependente da cadeira de rodas, mas não imobilizada.

A situação das mulheres no MST é de igual responsabilidade à dos homens. Todos e todas vão ao campo e à luta. A presença e participação de toda a família é princípio básico nas ocupações. Não para expor as crianças ao perigo, mas para educar na luta pela terra. Luta que certamente terão que continuar; e, ainda, porque os pais não têm com quem deixar as crianças e as mulheres não ficam em casa com as responsabilidades domésticas. A luta, a posse é direito de todos e de todas. Assim, o MST preocupou-se com a questão de gênero no IV Encontro Nacional, em Piracicaba, 1988.

Em seu documento “A reforma agrária necessária”, o movimento coloca como princípio fundamental “contribuir para criar condições objetivas de participação igualitária da mulher na sociedade, garantindo-lhe direitos iguais”. (MORISSAWA, 2001, p. 211)

Já em 1885, por ocasião do 1º Congresso Nacional, as mulheres formaram a Comissão Nacional das Mulheres do MST. Logo conseguiram o direito de receber lotes

em seus nomes. Como cita Morissawa, a experiência da mulher em todos os segmentos não dá margem à opressão masculina ainda que ela aconteça.

Sua experiência nas ocupações, nos enfrentamentos e nas negociações, na lavoura, em suas casas ou barracos de lona, nas escolas, nas associações, nas cooperativas, no jornal e nas secretarias, resultou na criação do Coletivo Nacional de Mulheres do MST. É um espaço de debate permanente a respeito das ações das mulheres na luta pela terra e das relações sociais em suas diferentes dimensões. (MORISSAWA, 2001, p. 212)

As mulheres do MST trabalham a questão de gênero nos acampamentos, assentamento e eventos externos; realizaram o 1º Encontro Nacional das Trabalhadoras Rurais no Instituto Cajamar para debater novo projeto de sociedade democrática e popular; por ocasião das comemorações dos 500 anos de Brasil, elas realizaram a 1ª ocupação só de mulheres na Zona da Mata de Pernambuco. O acampamento recebeu o nome de Dorcelina Folador, prefeita de Mundo Novo – MS, militante assassinada em outubro de 1999.

Não é possível precisar se Joelma e Mirian foram escolhidas para conduzir o leitor pela história do MST aleatoriamente ou se havia a intenção de que a versão fosse contada por vozes femininas. Certo é que as militantes, juntando-se a Raimunda e a Celso, encaminham o leitor pela dura realidade da luta pela terra.

Joelma garante que a reforma agrária é também uma maneira concreta de libertação da mulher. “Enquanto os homens produzem a matéria-prima, as mulheres, com sua delicadeza, transformam-na em objetos e produzem sua própria renda” (BOGO, 2003, p. 36).

Mirian e Joelma compreendem as forças opostas que guerreiam: uma contra o latifúndio e a outra pela continuidade da luta. Sabem também que não é uma luta entre iguais. As armas dos sem-terra são a ousadia, a formação, e quando atacados, suas ferramentas de trabalho. O latifundiário tem a polícia, os jagunços, pistoleiros, a justiça e o governo. A desproporcionalidade entre as partes já mostra o tamanho do Golias. A luta pela terra pra produzir é uma construção diária e permanente; a luta de classes permeia toda a história da humanidade.

As marcas que registram os confrontos estão na pele. Joelma percebe que cada delegado no Congresso traz consigo marcas de violência do latifúndio. Mirian responde que a grandeza do Movimento está em seus lutadores do passado e do presente.

– Vinha pensando justamente nisso – interrompe Miriam. – Que grandeza tem nosso Movimento! Mal sabemos o que acontece nele. Às vezes, ficamos procurando referências só em lutadores do passado e os tomamos como exemplo, enquanto temos milhares de lutadores atuais que dão demonstração de firmeza e coragem, que fazem inveja a muitos santos e mártires. (BOGO, 2003, p. 49)

Homens e mulheres constroem o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. As mulheres estão na direção, na agricultura, nos debates, na formação. "O MST procura justamente fazer com que homem e mulher participem das lutas pela libertação do ser humano" (BOGO, p.64); mas há um discurso recorrente de que o movimento usa mulheres e crianças como resistência nos enfrentamentos. Porém, Joelma explica que é uma forma de diminuir o grupo, pois independente de sexo ou idade, todos estão na busca pela terra. Outra explicação que aqui nos importa é que muitas entidades não aceitam mulheres como protagonistas, mas como dependente do pai ou marido.

Quanto à participação, o movimento sempre buscou aliados e os tem. Dos segmentos mais diversificados possíveis surge apoio ao MST. A própria organização para sua formação foi diversificada: posseiros, meeiros, assalariados rurais, filhos de pequenos proprietários, desempregados, pedagogos, sociólogos e etc. Essa diversidade fortalece o movimento. Para Miriam, "os iguais se confundem e se protegem. Por isso, quanto mais as lutas se multiplicam, mas os pobres se protegem da repressão" (BOGO, 2003, p. 72). O MST é um movimento de massa e, por isso, mantê-lo atuante é um desafio. Diminuir as contradições, resolver as brigas internas, coordenar ideologias que se chocam estão sempre na pauta do dia a fim de manter o movimento forte e atuante.

Outra responsabilidade vital para o movimento no qual as personagens atuam é a formação. Para o movimento, formar a consciência política é uma necessidade para manter os pés no chão.

– De fato, devemos ter muita fundamentação filosófica para garantir a boa formação da consciência das pessoas e organizar o trabalho – destaca Miriam – essencialmente em torno dele é que se desenvolve esta nova cultura e, consequentemente, esta nova consciência. (BOGO, 2003, p. 156)

A arte de formar seres humanos, tratada por Bogo, passa pela conscientização através da cultura com a capacitação da militância, a organização das diretrizes respeitando a estrutura da formação a fim de que se alcancem os objetivos estabelecidos: formar pessoas para a vida num mundo capitalista.

Os objetivos políticos do curso devem estar orientados pelos objetivos gerais do MST. Desta maneira, a formação não se esgota no setor responsável. Todos os militantes são repassadores de conteúdos, na medida em que

ajudam a desenvolver as atividades práticas. Há um profundo respeito pelos níveis, mas ninguém fica de fora dos cursos de formação. Mesmo para os analfabetos há a exigência de participar dos cursos. Alguns são alfabetizados no próprio curso, outros assistem a filmes e palestras para assimilarem o conteúdo a partir da audição e da visualização. (BOGO, 2003, p. 194)

Ao trabalhar os valores, o MST aponta para a escravização da mulher num ângulo mais moderno. A prostituição é uma preocupação por ser uma realidade brutal na sociedade se configurando em uma nova forma de escravidão: homens europeus buscam em países pobres mulheres dispostas a serem esposas e domésticas resultando num estado de submissão, "vejam, então, que a escravidão se reproduz de outra forma" (BOGO, 2003, p. 296). Chama-se atenção para essa situação que também ocorre nos assentamentos:

– Algumas filhas de assentados também são atingidas por esta motivação – concorda Raimunda – e assim caem na prostituição. Isso revolta os pais e o próprio movimento, que luta contra a exclusão imposta, mas que agora já atinge o estágio da voluntariedade. Ou seja, as pessoas têm consciência do que irá acontecer, mas assim mesmo escolhem este caminho, em troca de prazeres e alguns momentos de vida menos sacrificada. (BOGO, 2003, p. 296)

A mulher do campo, como as da cidade, também podem sofrer os abusos da sociedade forjada no patriarcalismo, na exploração do trabalho doméstico e sexual e na exigência da apresentação de uma família meramente convencional, mas que prende a mulher a uma situação que ela não quer viver. Joelma e Miriam mostram como labutam no campo e como organizam a luta pela reforma agrária; a mulher como ser humano, capaz de tudo como qualquer outro ser; sem ser atribuído limite. O que a sociedade ainda não discutiu e atingiu em questões de gênero já tem grande avanço na organização do Movimento dos Trabalhadores Sem-terra.

A arquitetura de Ademar Bogo nessa obra é como arrumar sua própria casa. O autor como um dos construtores do movimento, é ator e testemunha dessa importante página da história do Brasil. As personagens criadas trazem um pouco de si e expressam a própria experiência de militante que se confunde com autor/narrador/personagem, embora essas funções estejam claras na obra.

A missão de narrar a história do surgimento do MST se mostra também como um elemento pedagógico, didático para os movimentos sociais que precisam investir em formação para não criar apenas ativistas. Os relatos contribuem na metodologia de organização da sociedade civil, no fortalecimento de suas bases, no cuidado com as

lideranças e, principalmente, não deixar morrer a participação da massa, as decisões devem ser tomadas pelo todo. Liderança representa, não decide.

Arquitetos de sonhos ensina sobre o que foi e como pode ser. Sem a intenção de ser o retrato fiel da história, é um documento indispensável à memória coletiva dos que fazem o MST e de toda a classe trabalhadora que assim se reconhece.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOGO, Ademar. *Arquitetos dos sonhos*. São Paulo: dist. Expressão Popular, 2003.

CÂNDIDO, Antônio. *Brigada ligeira*. Rio de Janeiro: Ouro Azul, 2004.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Trad. de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

LUKÁCS, György. **O romance histórico**. Tradução de Ruben Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

MORISSAWA, Mitsue. *A história da luta pela terra e o MST*. São Paulo: Expressão Popular, 2001.